

KATE SUMMERSCALE

As suspeitas do sr. Whicher

*A história real de um dos crimes mais
chocantes da Inglaterra vitoriana e do
detetive que inspirou Charles Dickens
e Arthur Conan Doyle*

Tradução

Celso Nogueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Kate Summerscale
Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Título original

The suspicions of Mr. Whicher — Or the murder at Road Hill House

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio
Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Foto de capa

Maull and Polyblank/ Getty Images

Preparação

Leny Cordeiro

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Summerscale, Kate

As suspeitas do sr. Whicher : a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle / Kate Summerscale ; tradução Celso Nogueira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: The suspicions of Mr. Whicher : or the murder at Road Hill House.

ISBN 978-85-359-1533-4

1. Assassínatos – Investigação – Estudo de casos 2. Assassínatos – Investigação – Wiltshire (Inglaterra) – História – Século 19 3. Detetives – Londres (Inglaterra) – Biografia 4. Família Kent 5. Jornalismo 6. Whicher, Jonathan I. Título.

09-08064

CDD-364.1524

Índice para catálogo sistemático:

1. Assassínatos : Investigação : Relatos policiais :
Criminologia 364.1524

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução 11

Árvore genealógica 15

Planta baixa da mansão de Road Hill 16

Lista de personagens 19

Nota sobre a moeda 22

Prólogo 23

PARTE UM: A MORTE 29

1. Ver o que temos de ver 31
2. O horror e o assombro 46
3. Não teria Deus descoberto o fato? 57

PARTE DOIS: O DETETIVE 71

4. Um homem misterioso 73
5. Todas as pistas apagadas 89
6. Algo em seu rosto sombrio 109
7. Mudança de aparência 123
8. Todos de boca fechada 132

9. Eu conheço você 148
10. Olhar uma estrela de relance 167
11. Quanta coisa entra em jogo nisso 183
12. Febre detetivesca 198
13. Juntar isso e aquilo pelo lado errado 217
14. Mulheres! Segurem a língua! 231

PARTE TRÊS: A ELUCIDAÇÃO 245

15. Como um covarde 247
16. Melhor que ela seja louca 270
17. Meu amor mudou 291
18. Não resta dúvida de que nosso detetive autêntico
está vivo 306
19. Mundos de fantasia reais 330
20. A música da foice no gramado lá fora 339

Posfácio 352

Pós-escrito 356

Notas 365

Bibliografia selecionada 397

Agradecimentos 403

Índice remissivo 407

Prólogo

Paddington Railway Station *15 de julho de 1860*

No domingo, 15 de julho de 1860, o inspetor-detetive Jonathan Whicher, da Scotland Yard, pagou dois xelins pela corrida de charrete coberta que o levou de Millbank, logo a oeste de Westminster, até a estação de Paddington, o terminal londrino da ferrovia Great Western. Ali, adquiriu duas passagens: uma para Chippenham, Wiltshire, a 150 quilômetros, por sete xelins e dez *pence*, e outra de Chippenham a Trowbridge, cerca de trinta quilômetros adiante, por um xelim e seis *pence*.¹ Fazia calor naquele dia: pela primeira vez no verão a temperatura em Londres superara os trinta graus.²

A estação de Paddington era uma reluzente abóbada de ferro e vidro, construída por Isambard Kingdom Brunel seis anos antes, e seu interior estava quente de sol e vapor. Jack Whicher conhecia bem o local — os ladrões de Londres preferiam as multidões anônimas que serpenteavam pelas novas estações ferroviárias, as idas e vindas apressadas, a incrível diversidade de tipos e classes. Era essa a essência da cidade que inventou os detetives para policiá-la. *A estação de trem*, de William Frith, um retrato panorâmico de Paddington em 1860, mostra um gatuno sendo detido por

dois policiais à paisana, de suíças, terno preto e cartola, homens taciturnos capazes de refrear o turbilhão da metrópole.

Nesse terminal, em 1856, Whicher prendeu George Williams, famoso pelos trajes vistosos, quando furtava uma carteira contendo cinco libras da bolsa da sra. Glamis — o detetive informou aos juízes leigos, em audiência, que “conhecia o prisioneiro havia anos como membro de primeira linha da elite dos punguistas”. Na mesma estação, em 1858, ele deteve uma senhora de cerca de quarenta anos, corpulenta, sardenta, que viajava num compartimento de segunda classe de um trem da Great Western, pronunciando as seguintes palavras: “Acho que seu nome é Moutot”. Louisa Moutot era uma famosa estelionatária. Usara nome falso — Constance Brown — para alugar uma sege, uma casa mobiliada em Hyde Park e contratar um serviçal. Depois solicitou que um assistente da joalheria dos srs. Hunt e Roskell a visitasse, com braceletes e colares para mostrar à sra. Campbell. Moutot pediu licença para levar as joias à patroa, no andar superior, alegando que ela estava de cama, adoentada. O joalheiro lhe entregou um bracelete de diamantes no valor de 325 libras, com o qual Moutot saiu da sala. Depois de quinze minutos de espera, ele tentou abrir a porta e descobriu que fora trancado lá dentro.

Quando Whicher capturou Moutot na estação de trem de Paddington, dez dias depois, notou que ela mexia os braços, ocultando pela capa larga. Ele a segurou pelos pulsos e pegou o bracelete furtado. Além disso, com ela havia uma peruca masculina, um par de suíças falsas e um bigode postiço. Ela era uma criminosa urbana de alta classe, mestre nos ardis desonestos que Whicher desvendava como ninguém.³

Jack Whicher foi um dos oito primeiros policiais da Scotland Yard. Nos dezoito anos transcorridos desde a formação da força

de detetives, esses homens se tornaram personagens encantadores e misteriosos, os semideuses oniscientes e furtivos de Londres. Charles Dickens os considerava modelos da modernidade. Eram tão mágicos e científicos quanto as outras maravilhas das décadas de 1840 e 1850 — a máquina fotográfica, o telégrafo elétrico e a ferrovia. Como o telégrafo e o trem, o detetive dava a impressão de poder superar o tempo e o espaço; como a máquina fotográfica, parecia capaz de congelar as pessoas — Dickens contou que, “num relance”, um detetive “consegue inventariar a mobília” de um cômodo e fazer “um retrato preciso” de seus ocupantes. As investigações desses detetives, escreveu o romancista, eram “partidas de xadrez, jogadas com peças vivas”; “sem crônicas que as registrassem em algum lugar”.⁴

Whicher, aos 45 anos, era o decano da polícia metropolitana, o “príncipe dos detetives”,⁵ nas palavras de um colega. Homem vigoroso, de passo lento e modos corteses, era “mais baixo e robusto” que os colegas, comentou Dickens, que ressaltou “seu ar reservado e pensativo, como se cálculos aritméticos complexos o absorvessem”. Seu rosto exibia pequenas marcas de varíola.⁶ William Henry Wills, braço direito de Dickens em sua revista *Household Words*, viu Whicher em ação em 1850. O relato sobre o caso investigado por Whicher foi a primeira descrição de um detetive inglês na imprensa.⁷

Wills estava na escadaria de um hotel de Oxford, conversando informalmente com um francês — ele notou “o brilho negro de seus sapatos e a imaculada brancura das luvas” — quando um desconhecido surgiu no salão do térreo. “No tapete ao pé da escada parou um homem. Sujeito simples, de ar honesto, sem nada de chamativo na aparência ou agressivo na postura.” A “aparição” teve um impacto extraordinário no francês, que “ficou na ponta dos pés, como se um tiro o desequilibrasse repentinamente; seu rosto empalideceu e os lábios tremeram... sabia que era tarde

demais para fugir (é certo que o faria, se pudesse), pois os olhos daquele homem se fixaram nele”.

O estranho capaz de imobilizar alguém com um olhar subiu a escada e instruiu o francês a ir embora de Oxford, com o resto de sua “escola”, no trem das sete horas. Depois ele seguiu para o restaurante do hotel, onde se aproximou de três homens que bebiam depois do jantar. Ele apoiou os nós dos dedos na mesa e debruçou-se um pouco, fixando os homens com seu olhar, um por um. “Como num passe de mágica”, eles ficaram imóveis e silenciosos. O misterioso e poderoso estranho ordenou aos três que pagassem a conta e pegassem o trem das sete para Londres. Ele os seguiu até a estação ferroviária de Oxford, e Wills os acompanhou.

Na estação a curiosidade do repórter superou seu medo da “evidente onipotência” do sujeito, e Wills perguntou a ele o que acontecia.

“Acontece que sou o sargento Witchem, da força policial”, o sujeito explicou a Wills.

Whicher era um “sujeito misterioso”, na expressão de Wills, o protótipo do investigador enigmático, reservado. Surgia do nada e, mesmo sem disfarce, se ocultava atrás de um pseudônimo. “Witchem”, o nome dado a ele por Wills, lembrava investigações — “*which of ‘em?*” [qual deles?] — e magia — “*bewitch ‘em*” [enfeitice-os]. Ele era capaz de transformar um homem em pedra ou fazê-lo perder a fala. Muitos dos traços que Wills viu em Whicher se tornaram a matéria-prima do herói detetive ficcional: aparência comum, perspicaz, mente ágil, discreto. Em conformidade com sua discrição e profissão, não restaram fotografias de Whicher, pelo que consta. As únicas indicações sobre sua aparência são as descrições dadas por Dickens e Wills, além de detalhes nos documentos de sua saída da polícia: Whicher tinha quase um metro e setenta, cabelos castanhos, pele clara, olhos azuis.⁸

Nas bancas de jornal das estações ferroviárias os viajantes podiam comprar “memórias” de detetives em edições baratas de bolso (na verdade, coletâneas de contos), assim como revistas com histórias de mistério de Dickens, Edgar Allan Poe e Wilkie Collins. Na edição daquele fim de semana da nova publicação de Dickens, *All the Year Round*, saiu o trigésimo terceiro capítulo de *A mulher de branco*, de Collins, o primeiro dos romances “sensacionalistas” que dominariam a década de 1860. Na aventura, até então, o malévolo sir Percival Glyde aprisionara duas mulheres num manicômio com a intenção de ocultar um episódio obscuro de seu passado familiar. A edição de 14 de julho revela que Glyde morreu queimado na sacristia de uma igreja, ao tentar destruir as provas de seu segredo. O narrador observou, enquanto a igreja ardia: “Nada ouço além do crepitar das chamas, do estalido rápido do vidro na claraboia do alto... Procuramos o corpo. O calor escorchante em nossas faces nos fez recuar: nada víamos — acima, abaixo, através do salão, nada víamos a não ser uma onda de fogo vivo”.

A morte que Whicher investigaria fora de Londres era brutal, um assassinato aparentemente sem motivo numa mansão no interior, perto de Trowbridge, em Wiltshire, que confundira a polícia local e a imprensa nacional. A família da vítima, embora à primeira vista respeitável, guardava inúmeros segredos, segundo os rumores: casos de adultério e insanidade.

O telégrafo da ferrovia Great Western convocara Jack Whicher para ir a Wiltshire, em um dos trens da companhia. Pontualmente às duas da tarde a imensa locomotiva a vapor de seis eixos começou a puxar o vagão, pintado de cor chocolate e creme, para fora da estação de Paddington, por uma linha que media dois metros de largura. A Great Western era a ferrovia mais rápida, confortável e confiável da Inglaterra. Até o trem de um *penny* por milha, que Whicher tomou, parecia deslizar pelas planícies,

no rumo de Slough, e flutuar sobre os arcos largos da ponte de Maidenhead. Na tela *Chuva, vapor e velocidade — a ferrovia Great Western* (1844), de J. M. W. Turner, uma locomotiva passa velozmente pela ponte, vinda do leste, como um projétil escuro a lançar faíscas reluzentes em ouro, prata e azul.

O trem de Whicher chegou a Chippenham às 17h37, e oito minutos depois o detetive pegou a conexão para Trowbridge. Ele chegaria lá em menos de uma hora.⁹ A história que o aguardava — a soma dos fatos reunidos pela polícia de Wiltshire, juízes leigos e repórteres de jornais — começara uma quinzena antes, em 29 de junho.

PARTE UM

A Morte

o segredo pode tomar ar e pegar fogo, detonar, explodir...

De *A casa soturna* (1853), de Charles Dickens.

1. Ver o que temos de ver

29-30 de junho

Nas primeiras horas de sexta-feira, 29 de junho de 1860, Samuel e Mary Kent dormiam no primeiro andar de sua mansão georgiana de três pavimentos, situada acima do vilarejo de Road, a oito quilômetros de Trowbridge. Estavam deitados na cama de mogno espanhol com dossel entalhado, no quarto adornado com tecido adamascado carmesim. Ele tinha 59 anos; ela, aos quarenta, estava grávida de oito meses. A filha mais velha deles, Mary Amelia, dormia no mesmo quarto. Do outro lado da porta que dava para o quarto das crianças, a poucos metros, repousavam Elizabeth Gough, 22 anos, babá, numa cama francesa pintada, e duas crianças sob seus cuidados, Saville (três anos) e Eveline (um ano), em berços de ratã.

Duas outras criadas dormiam no segundo andar da mansão de Road Hill — Sarah Cox (22 anos), arrumadeira, e Sarah Kerslake (23), cozinheira — bem como os quatro filhos do primeiro casamento de Samuel: Mary Ann (29), Elizabeth (28), Constance (dezesseis) e William (catorze). Cox e Kerslake compartilhavam a cama num dos quartos. Mary Ann e Elizabeth

compartilhavam a cama de outro. Constance e William tinham cada um seu próprio dormitório.

A babá, Elizabeth Gough, levantou-se às 5h30 daquela manhã para abrir a porta dos fundos, permitindo o acesso do limpador de chaminés vindo de Trowbridge. Com seu “aparelho” formado por varas conectadas e escovas ele limpou as chaminés da cozinha e do quarto das crianças, além da tubulação da chapa quente. A babá lhe pagou quatro xelins e seis *pence* às 7h30 e o acompanhou até a porta. Gough, filha de padeiro, era uma jovem atenciosa, de boa aparência. Magra, tinha pele clara, olhos escuros, nariz comprido. Faltava-lhe um dente da frente. Quando o limpador de chaminés se foi ela limpou a fuligem do quarto das crianças. Kerslake — a cozinheira — lavou o chão da cozinha. Um outro estranho passou na casa naquela sexta-feira, o afiador de facas, para quem Cox — a arrumadeira — abriu a porta.

No terreno em torno da mansão de Road Hill, James Holcombe, jardineiro, cavaleiro e cocheiro da família, cortava a grama com uma foice — os Kent tinham uma máquina de cortar grama, mas a ceifadeira era mais eficiente se a grama estivesse úmida. Aquele mês de junho fora o mais frio e úmido já registrado na Inglaterra, e chovera durante a noite. Assim que terminou o serviço ele pendurou a foice num galho, para secar a ferramenta.

Holcombe, 49 anos, sofria de paralisia numa das pernas e contava com dois ajudantes para as tarefas daquele dia: John Alloway, dezoito anos, “um rapaz de ar estúpido”, segundo um jornal local, e Daniel Oliver, 49. Ambos residiam no vilarejo de Beckington, nas proximidades. Uma semana antes Samuel Kent havia recusado um aumento de salário para Alloway, e o rapaz pedira as contas. Aquela seria sua penúltima tarde a serviço de Kent, e ele foi despachado pela cozinheira para verificar se James Fricker, encanador e vidraceiro do povoado, havia terminado de colocar um vidro novo na lanterna quadrada do sr. Kent. Alloway já fora buscá-la quatro

vezes na semana, sem que estivesse pronta. Daquela vez foi bem-sucedido: trouxe a lanterna de volta e a depositou sobre o balcão da cozinha. Uma moça da cidade de catorze anos, Emily Doel, também trabalhava na casa. Ela ajudava Gough, a babá, a cuidar das crianças, das sete da manhã às sete da noite, todos os dias.

Samuel Kent estava na biblioteca, rascunhando seu relatório sobre a viagem de dois dias aos lanifícios locais, da qual regressara na noite anterior. Ele era funcionário público, passara os últimos 25 anos como subinspetor de fábricas do governo, e recentemente se candidatara a inspetor pleno, reunindo assinaturas de duzentos próceres de West Country — membros do parlamento, juízes leigos, clérigos. Sujeito carrancudo, de sobrelhas grossas, Kent era impopular no vilarejo, sobretudo entre os habitantes do “canto das cabanas”, um amontoado de casebres do outro lado da estrada que conduzia à mansão de Road Hill. Proibira os habitantes do povoado de pescar no rio perto de sua casa, e processou um deles por apanhar maçãs em seu pomar.

Saville, o filho de três anos de Samuel, entrou na biblioteca para brincar enquanto a babá limpava o quarto das crianças. O menino rabiscou o relatório para o governo — fez um garrancho em forma de “s” e um borrão — e o pai brincou com ele, dizendo que era um “menino desobediente”. Ao ouvir isso, Saville subiu no joelho de Samuel para “pular”. Era um menino forte, corpulento, com cabelos dourados cacheados.

Na tarde de sexta-feira, Saville também brincou com a meia-irmã, Constance. Ela e seu irmão William estavam passando uma temporada que já durava quinze dias em casa, vindos do colégio interno. Constance puxara o pai — musculosa e atarracada, com olhos miúdos semicerrados num rosto largo —, enquanto William parecia com a mãe, a primeira sra. Kent, que falecera oito anos antes: olhos vivos e corpo delicado. Diziam que o rapaz era tímido, e a moça, fechada e instável.